



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 25 - dezembro de 2020

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i25p29-44>

**Pequenas marcas em livros da desrazão:
Fernando Pessoa, leitor da Biblioteca Nacional de Lisboa (hoje de
Portugal)**

**Little marks in books of unreason: Fernando Pessoa, a reader in the
National Library of Lisbon (nowadays Portugal)**

*Jerónimo Pizarro**

RESUMO

Sabemos que há autores que Pessoa leu e que influenciaram a sua obra, mas nem todos os livros lidos estavam na sua biblioteca particular. Alguns foram lidos na Biblioteca Nacional de Lisboa (hoje de Portugal), outros na biblioteca de Henrique Rosa, irmão do seu padrasto; e ainda outros na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Tendo por base a edição crítica dos *Escritos sobre Génio e Loucura* (2006), procura-se aqui referir leituras relacionadas com a desrazão e dar continuidade a uma metodologia referida neste artigo, lançando, assim, uma série de reptos para futuras investigações: o cruzamento do espólio pessoano com a biblioteca particular (ou com outras públicas ou privadas), do escritor com o leitor, da teorização com a aprendizagem. É através desses cruzamentos que se poderá aprofundar a crítica e o conhecimento de alguns textos, assim como do contexto em que foram escritos.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa; Desrazão; Biblioteca Nacional (BN); Espólio pessoano; Marginalia

ABSTRACT

We know there are authors that Pessoa read and that influenced his work; however, not all the books he read were in his private library. Some of them he read in the National Library of Lisbon (now of Portugal), others in the library of Henrique Rosa, his stepfather's brother; and others yet in the Library of the Lisbon Academy of Sciences. Based on the critical edition of *Writings on Genius and Madness* (2006), this article seeks to refer to readings related to unreason and to give continuity to a methodology mentioned here, thus launching a series of challenges for future research: the connection of the Pessoaan archive with the private library (or with other public or private ones), of the writer with the reader, of theorization with learning. It is through these connections that the critique and knowledge of some texts can be deepened, as well as the context in which they were written.

KEYWORDS: Fernando Pessoa; Unreason; National Library (BN); Pessoa's literary estate; Marginalia

* Universidad de los Andes – Bogotá – Colombia – j.pizarro188@uniandes.edu.co

Publicados em 2006, em dois volumes, os *Escritos sobre Génio e Loucura*, de Fernando Pessoa, foram depois publicados, de forma parcial, em espanhol, italiano e alemão. Era quase inevitável que assim (parcialmente) fosse. A edição crítica tinha 656 textos, quase todos inéditos naquele momento, além de um aparato genético de umas 250 páginas (com transcrições de outros textos não numerados) e o último capítulo, o XXI, estava composto por listas de livros a consultar, a comprar, a vender ou vendidos, por notas de leitura de pelo menos 35 livros de temas de medicina, de psicopatologia e de literatura sociológica, e pela marginália (fac-símile e transcrição) de algumas páginas anotadas da biblioteca particular de Fernando Pessoa, que pouco depois seria digitalizada e recatalogada¹. Esse último capítulo foi um dos que desapareceu das edições publicadas em Espanha, Itália e Alemanha, mas que contribuiu para marcar uma metodologia decisiva para os estudos pessoanos: o cruzamento do espólio com a biblioteca, do escritor com o leitor, da teorização com a aprendizagem. E que ainda contribuiu para a valorização da marginália, para a sua conceitualização e para novos e cada vez mais sólidos estudos dos livros que Pessoa leu, e também para definir quais conservou e quais não, quais leu num âmbito privado e quais num âmbito público. Nas páginas seguintes, interessa destacar alguns livros lidos por Pessoa na Biblioteca Nacional de Lisboa e revisitar, assim, a edição de 2006, que foi a base de pelo menos dois estudos publicados em livro (PIZARRO, 2007; KRABBENHOFT, 2011).

Em princípio, Pessoa teve a sua disposição, durante o que denominou sua terceira adolescência (“No que posso chamar a minha terceira adolescencia, passada aqui em Lisboa, vivi na atmospherá dos philosophos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espirito pela gymnastica sueca e pela leitura da ‘Dégénérescence’, de Nordau”²), isto é, entre 1905, quando do seu regresso a Lisboa, e 1909, quando fez 21 anos – ou antes, porque leu Max Nordau em 1907 –, a sua própria biblioteca, na qual teria ainda poucos livros; a biblioteca de Henrique Rosa, livre-pensador e irmão do seu padrasto³; a Biblioteca

¹ Disponível em: <http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt>. Acesso em: 11 set. 2020. cf. PIZARRO; FERRARI; CARDIELLO, 2010.

² Excerto de uma carta de 1932 dirigida a José Osório de Oliveira, publicada no *Diário de Lisboa*, a 29 de Maio de 1936. Texto citado na epígrafe do capítulo II de *Fernando Pessoa: entre génio e loucura* (PIZARRO, 2007), onde há diversas informações sobre a ginástica sueca.

³ Veja-se a nota referente à doação do espólio de Henrique dos Santos Rosa (1850-1925): “Era irmão do padrasto de Fernando Pessoa e com este privou de perto após o seu regresso de Durban (1905). Poeta e senhor de vasta cultura no domínio da filosofia, da história e da literatura, anticlerical e antimonárquico, terá influenciado o jovem Pessoa e foi seu iniciador nos saberes da teosofia e do espiritismo, temas que também o apaixonavam. Próximo de intelectuais do seu tempo – Pessoa conheceu Teixeira de Pascoais em sua casa – conviveu com Bulhão Pato, Augusto Gil, Albino Forjaz de Sampaio ou Silva Passos, entre

Nacional de Lisboa (hoje de Portugal), que ficava então no Convento de São Francisco da Cidade; e a Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, instituição na qual foi instalado o Curso Superior de Letras que frequentou de 1905 a 1907 (PRISTA, 2001). Alguns livros dessas bibliotecas, referidos em documentos do espólio pessoal, aguardam estudos que talvez revelem nova margem. Mas enquanto isso não acontece, continuarão sob um nevoeiro de tempo antediluviano à espera de serem descobertos.

Sabia-se pelo menos desde 1987, ou antes⁴, por um diário escrito em inglês e iniciado a 15 de março de 1906, que Pessoa foi um visitante assíduo da Biblioteca Nacional (BN) nessa chamada “terceira adolescência”. Lembro o início:

15 de Março.

Curso Superior: Geografia e inglês. Biblioteca Nacional; li “Logic” de Aristóteles, traduzido por J. B. Saint Hilaire. Voltei a casa às 3.30. Pensei na dissertação sobre Direitos das Mulheres e no apelo satírico à prostituição masculina. Comecei “The Door”. Li um livro sobre Fisiognomia. Jantei às 4.30. Caminhei pela rua toda a noite até às 9.30.

16 de Março.

Feriado. O Rei vem de Madrid. Li um pouco sobre Fisiognomia. A Biblioteca fechou, é claro, pelo que não pude lá ir para continuar a ler “Organon”. Dia quente, muito quente, tal como ontem. Li Tennyson. Caminhei pela rua durante a noite com o Cochado Torres. Voltei a casa às 9.30. Joguei quino até à hora do chá. Dificuldades na execução mental de Jacob Dermot. Pensei num poema na Avenida, a ser incluído em “Revolta”.

17 de Março.

Descuidei o curso. Em Pedrouços às 4. Estive na Biblioteca Nacional a ler “Organon” de Aristóteles. Fiquei em Pedrouços.
(cotas 22-74^r e 13A-41^r; em PESSOA, 2009, p. 256).⁵

outros.” http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=592%3AAdoacao-do-espolio-de-henrique-rosa-a-bnp&catid=49%3AAquisicoes&Itemid=634&lang=pt. Acesso em: 24 set. 2020.

⁴ Sobre a publicação deste diário, veja-se a seguinte nota: “Teresa Sobral Cunha publicou a tradução da sua transcrição do *Diary* – em que exclui os textos que não pertencem a este, mas que foram redigidos fundamentalmente no verso das mesmas folhas – em “Fernando Pessoa. Diário (inédito) de 1906”, *Colóquio-Letras*, n. 95, Jan.-Feb. de 1987: 80-95. O original inglês foi publicado pela primeira vez em *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (2003). As folhas 13A-56^r e 57^r foram apresentadas em fac-simile por Teresa Rita Lopes (1977, ilustração 13), em *Fernando Pessoa et le drame symboliste. Héritage et création*. Existem referências a este caderno em Jaime H. Silva (1985), “Between English and Portuguese: Fernando Pessoa, the ‘estrangeirado’”, em *Actas do II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*; e em Luís Prista (2001), “Pessoa e o Curso Superior de Letras”, em *Memória dos Afectos: Homenagem da cultura portuguesa a Giuseppe Tavani*» (PESSOA, 2009, p. 255).

⁵ Tradução do autor de um texto originalmente escrito em inglês:

March 15th.

Curso Superior: Geography and English. Bibliotheca Nacional; read Aristotle’s “Logic”, translated by J. B. Saint Hilaire. Returned home 3.30 Thought of dissertation on Female Rights and satiric plea for masculine prostitution. Began “The Door”. Read book on Physiognomy. Dined 4.30. Walked out all evening till 9.30.

Bastam estas primeiras páginas para saber, por exemplo, que Pessoa leu Aristóteles na BN nos dias 15 e 17 de março; que leu Tennyson no dia 16 em casa – e nesse caso na da tia Anica, na Rua de São Bento –; e que no dia 17 passou a noite em Pedrouços, isto é, onde morava a tia-avó Maria. De Tennyson terá lido novamente algumas páginas do volume *The Works of Alfred Tennyson* (1902), o qual recebeu em 1903 como parte do prêmio Rainha Vitória da Universidade do Cabo (University of the Cape of Good Hope), outorgado para o melhor ensaio em inglês no *Matriculation Examination* e para o qual concorreram 899 candidatos. E talvez leu Tennyson e esboçou ou começou a projectar alguma tradução (FISCHER, 2015), sendo que em vários livros da Biblioteca particular existem traduções entre os versos lidos ou nas suas margens – um notável exemplo é *The Tempest*, de William Shakespeare (FILIPE, 2018, 2019).

Mas se alguns livros da Biblioteca particular têm sido estudados, aqueles das outras bibliotecas referidas (Henrique Rosa, BN, Academia das Ciências) continuam à espera de serem requisitados, consultados e analisados. Nesse sentido, a seguinte lista deve ser considerada apenas uma primeira tentativa de elencar livros ”externos“ que merecem maior estudo⁶:

- BOMBARDA, Miguel. **Un fait d’Anarchisme**. 1896. Cota: S.A. 12655 P. (PESSOA, 2006, p. 611).
- BROCA, Paul. **Instructions craniologiques et craniométriques de la Société d’anthropologie de Paris**, rédigées par ..., Secrétaire général de la Société d’anthropologie, Directeur du Laboratoire d’anthropologie de l’École des Hautes-études. Paris: Lib. Georges Masson, 1875. Cota: S.A. 3538, da BN. (PESSOA, 2006, p. 283).
- DAGONET, H. **Nouveau traité élémentaire et pratique des maladies mentales suivi de considerations pratiques sur l’administration des asiles d’aliénés**, par ..., Professeur agrégé à l’ancienne Faculté de Médecine de Strasbourg, ex-médecin en chef de l’asile public d’aliénés de Stephansfeld (Bas-Rhin), Médecin en Chef à l’asile des aliénés de Saint-Anne. Paris: Librairie J. B. Baillière et Fils, 1876. Cota: S.A. 3736 V. (PESSOA, 2006, p. 629).

March 16.

Holiday. King coming from Madrid. Read a little about Physiognomy. Bibliotheca closed of course, so could not go there to continue reading “Organon”. Hot day, very hot, just as yesterday. Read Tennyson. Walked out in the evening with Cochado Torres. Returned 9.30. Played quino up to tea/time. Difficulties in mental execution of Jacob Dermot. Thought of poem on Avenida, to be included in “Revolta”.

March 17.

Neglected Curso. Pedrouços at 4. Had been in the Bibliotheca Nacional reading Aristotle’s “Organon.” Stayed at Pedrouços.

(cotas 22-74^f e 13A-41^f; em PESSOA, 2009, p. 256). Todas as traduções indicadas neste artigo são de minha autoria.

⁶ Disponível em: <http://porbase.bnportugal.pt>. Acesso em: 11 set. 2020.

- DALLY, E. Craniologie, no **Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales**, Directeur: A. Dechambre, 1^o série, tome XXII, COU-CRE. Paris: G. Masson – P. Asselin, 1879, pp. 642-694. Cota: S. A. 5370 V, da BN. (PESSOA, 2006, p. 288).
- DANTAS, Júlio. **Pintores e Poetas de Rilhafolhes**. Lisboa: Guimarães, Libanio & C.^{ia}, 1900. Cota: S.A. 12655 P. (PESSOA, 2006, p. 611).
- FERE, Charles. **La famille névropathique. Théorie tératologique de l'hérédité et de la prédisposition morbides et de la dégénérescence**, par ..., Médecin de Bicêtre. Paris: Félix Alcan, 1894. Cota: S.A. 10772 P. (PESSOA, 2006, p. 289).
- MATOS, Júlio de. **A Loucura. Estudos clinicos e medico-legaes**, por ..., medico adjunto do Hospital de alienados do Conde de Ferreira. São Paulo: Teixeira & Irmão eds., 1889. Cota S.A. 11359. (PESSOA, 2006, p. 648).
- MERCIER, Charles. **The Nervous System and the Mind. A treatise on the dynamics of the human organism**, by..., M. B. London: Macmillan, 1888. Cota: S.A. 3740 V. (PESSOA, 2006: 653).
- SAKHOKIA, M. **Le Culte de la petite vérole en Géorgie**. 1903. Cota: S.A. 12655 P. (PESSOA, 2006, p. 611).⁷

Refira-se que alguns destes livros apenas se encontram em ficheiros manuais, daí não haver registo na Porbase; não estão presentes no diário de 1906 – terão sido lidos entre 1907 e 1908 – e, portanto, ainda falta uma consulta daqueles lidos segundo as páginas diarísticas. Pessoa costumava anotar livros próprios e alheios (embora mais os próprios) e não é impossível que tenha deixado notas, por exemplo, no exemplar de *Logique*, de Aristóteles, traduzido “[...] pela primeira vez e acompanhado de notas perpétuas de J. Barthélemy Saint-Hillaire”⁸. Ou no exemplar da *Logique*, de Hegel, também lido em francês, e cuja cota (cf. Fig. 3 e 4: 950-951 Vermelho / Bibl. Nac.) consta de uma folha do espólio em que Pessoa pensa em Kant e em esboçar uma crítica das provas da existência de Deus – e Kant também figura no diário de 1906, tal como “my *Logic*”, porque Pessoa, com quase 18 anos, já estava a escrever (em inglês) a sua própria *Lógica*.

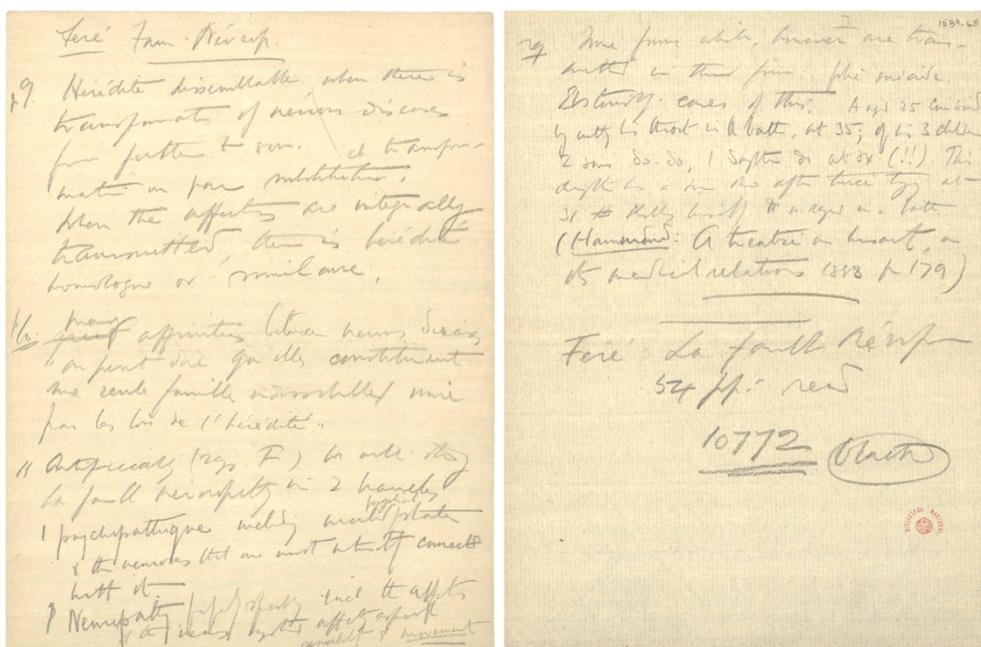
As cotas referidas anteriormente depreendem-se de notas localizadas no espólio pessoano ou de pesquisas feitas *in loco* na BN, depois de perceber que certos números e letras não eram referentes a páginas ou a tomos, por exemplo, mas a *library numbers* pontuais de espécimes bibliográficos que a BN continuava a ter no seu acervo. Assim, por exemplo, a cota do livro de Feré é fornecida no final de um conjunto de notas de leitura (cf. Fig. 1 e 2: 10772 Black [P = etiqueta preta]). Poucas pesquisas foram tão fascinantes como esta: à descoberta, na sala de reservados da BN, de uma indicação

⁷ Os textos de Dantas, Sakhokia e Bombarda estão encadernados no mesmo volume da BN. O trabalho de Bombarda é uma separata da *Revue Neurologique*; o de Sakhokia, uma separata dos *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie*.

⁸ [...] pour la première fois et accompagnée de notes perpétuelles par J. Barthélemy Saint-Hillaire.

bibliográfica, seguia sempre uma requisição de material na sala geral. A partir do confronto das notas de leitura com as marcas nos livros – e conhecendo previamente o tipo de marcas que Pessoa deixou nos exemplares da sua Biblioteca e, é claro, a sua caligrafia – era possível então estabelecer que determinados livros tinham sido lidos por Pessoa e que determinadas marcas manuscritas eram suas.

Figuras 1 e 2 – Notas de leitura (em inglês) da La famille névropathique

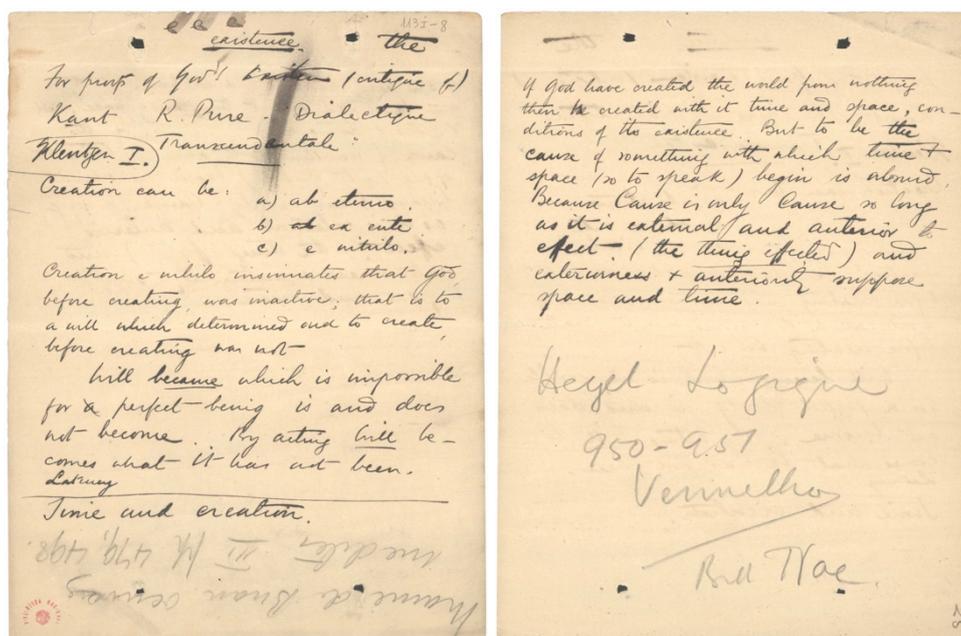


Fonte: BNP Biblioteca Nacional de Portugal E3 Espólio 3 (Pessoa) Cota 15B4-67v e 68r.

Figuras 3 e 4 – Apontamentos sobre a existência de Deus.

“Se Deus criou o mundo do nada, então criou-o com tempo e espaço, condições para a sua existência. Mas ser a causa de alguma coisa com a qual o tempo e espaço (por assim dizer) começam é absurdo.”⁹

⁹ If God have created the world from nothing then he created with it time and space, conditions of its existence. But to be the cause of something with which time & space (so to speak) begin is absurd.



Fonte: BNP Biblioteca Nacional de Portugal E3 Espólio 3 (Pessoa) Cota 1131-8r e 8v.

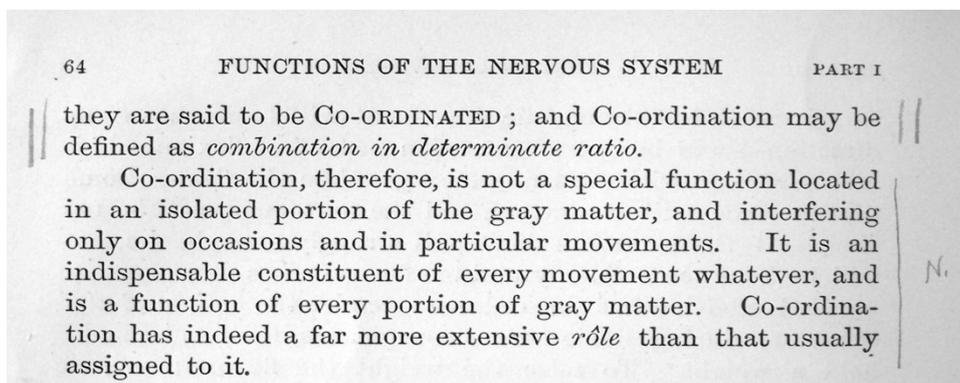
Por último, convém referir que a lista anterior não é exaustiva – Pessoa leu vários artigos do *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, por exemplo – e que cada título abre um mundo. Leu também *Dégénérescence*, de E. Dally (cota: S. A. 5374 V); *Folie*, de J. Cotard (cota: S. A. 5387 V); *Folie du doute avec délire du toucher* (cota: S. A. 5387 V), de A. Ritti; *Hérédité*, de C. Letourneau (cota: S. A. 5397 V); *Hystérie*, de J. Grasset (cota: S. A. 5399 V); *Identité*, de G. Tourdes (cota: S. A. 5399 V); *Idiotie*, de E. Chambard (cota: S. A. 5399 V); *Induction*, de V. Egger (cota: S. A. 5399 V), e *Inflammation*, de G. Herrmann (cota: S. A. 5399 V), entre outros. Títulos como *Folie du doute...* levam a pensar em textos atribuídos a Alexander Search sobre dúvida e mania da dúvida. Artigos como o de Grasset e livros como o de Féré – dois autores decisivos na formação de Pessoa em psicopatologia –, levam a lembrar que Pessoa desde muito cedo e até 1935 se definiu como histero-neurasténico.

Na BN, Pessoa também leu a *Histoire de la Philosophie Européenne* de Alfred Weber, referida no diário de 1906, tal como livros de Kant e Lombroso, referidos no mesmo diário e lidos em francês (*Critique de la raison puré*, na tradução de Barny; *L'Homme criminel*, na tradução de Bournet), e muitos outros livros de criminologia (Ferri, Tarde, Maudsley, Laurent, Garofalo etc.); de alunos de Charcot (Féré, mas também Richer e Ballet); e de interpretações psiquiátricas e de pendor biográfico de grandes figuras literárias (como o livro de Lauvrière, sobre Poe, referindo-se a “esta

alternância perpétua de depressão excessiva e de sobreexcitação”¹⁰; ou aquele de Mezières, sobre Goethe, explicando a obra do autor alemão a partir dos dados conhecidos da sua vida. PESSOA, 2006, p. 643 e 658)¹¹.

Pessoa ia lendo e deixando pequenas marcas enquanto tomava notas num caderno (como o 144A², de 1908¹²) ou em folhas soltas. Assim, por exemplo, leu o capítulo VI (“Alienados criminosos”) do livro *A Loucura*, de Júlio de Mattos (e numa folha anotou: “p.239, 240, 241, 242 up to x / also, continuation, p. 245 up to x” [p.239, 240, 241, 242 up to x / também, continuação, p. 245 up to x]); PESSOA, 2006, p. 648) ou *The Nervous System and the Mind* (Fig. 5). As marcas que deixou no livro de Mercier são semelhantes às que deixou em outros livros lidos na mesma altura.

Figura 5 – The Nervous System and the Mind



Fonte: BNP Biblioteca Nacional de Portugal, Cota S.A. 3740 V.

Expandida por outras bibliotecas, a biblioteca de Pessoa pode ser considerada não como una, mas como plural, como uma biblioteca de bibliotecas, fundamental para escrever uma biografia intelectual e para compreender melhor Pessoa dentro da sua época e dentro das constelações das suas leituras. Pessoa não viajou tanto como Nietzsche, que viajava à procura de boas bibliotecas, mas sonhou ser bibliotecário, sendo que não obteve o lugar de conservador-bibliotecário, para o qual se candidatou, no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães. Sobre Nietzsche, escreveu Thomas H. Brobjer:

¹⁰ [...] cette perpétuelle alternance d’une dépression et d’une surexcitation excessives.

¹¹ Pessoa tornar-se-á muito crítico deste tipo de crítica biografista. Jacinto do Prado Coelho descreveu Pessoa como “mais lansoniano que Lanson” (in PESSOA, 1967, p. xxviii). Em 1907, na Biblioteca Nacional, Pessoa leu de facto a *Histoire de la Littérature française*, de Gustave Lanson (existe registo no caderno 144J).

¹² Disponível em: <http://purl.pt/1000/1/cadernos/index.html>. Acesso em: 11 set. 2020.

As bibliotecas foram importantes para a leitura de Nietzsche, e a qualidade das bibliotecas foi um factor determinante na sua decisão das viagens e lugares de residência. Escreveu ocasionalmente a bibliotecas questionando se eram adequadas para os seus objetivos e para decidir se visitaria a cidade. Durante o período de 1885-88, Nietzsche usou as bibliotecas de Nice, Leipzig, Chur, Veneza, Turim e a biblioteca do Hotel Alpenrosen em Sils-Maria. Provavelmente também usou a biblioteca de Zurique e possivelmente de outras cidades, e planejou visitar Estugarda apenas pela sua biblioteca. (BROBJER, 1997, p. 664-665).¹³

Quais bibliotecas de Lisboa e de fora de Lisboa terá consultado Pessoa ao longo da sua vida? Esta é uma pergunta que ainda aguarda resposta. Ainda poucos investigadores terão lido os livros que Pessoa leu e visitado os locais em que decorreram certas leituras.

Enquanto novas investigações surgem, parece-me importante reler algumas ficções escritas por Fernando Pessoa tendo presentes as leituras que realizou – é em 1906 que escreve, no diário desse ano: “Determino doravante a leitura de pelo menos dois livros por dia – *um* de poesia, ou *belles lettres*, *outro* de ciência ou filosofia”¹⁴ (PESSOA, 2009, p. 262, grifos nossos) – e analisar bem o estatuto de certos textos, em que mais do que teorizações de Pessoa podemos estar a ler notas ou reações de leitura.

Assim, por exemplo, ficções como *The Door*, escrita entre 1906-1907, e na qual o protagonista não é capaz de se libertar da horrível atração magnética que lhe produz uma porta, ganhariam se fossem lidas com conhecimento de causa da monomania, de diversas formas de superstição e da chamada mania da dúvida. Nesses anos, Pessoa estava a ler narradores que tinham criado personagens descritas como monomaniacas – Edgar Allan Poe e Gustave Flaubert –, sabia dos impulsos autodestrutivos descritos n’*O Demónio da Perversidade* de Poe, e interessava-lhe criar ficções que permitissem pensar assuntos como o gênio e a loucura. A própria personagem – amante do raciocínio, como tantas outras de Pessoa – autoanalisa-se em *The Door*:

A minha distração mental sob esta atracção é pouco suscetível à análise. Pode ter ouvido falar ou lido sobre a faculdade da mente

¹³ Libraries were important for Nietzsche's reading, and the quality of the libraries was an important determining factor in deciding Nietzsche's travels and places of residence. He even occasionally wrote to libraries to inquire if they were suitable for his purposes and for deciding if he would visit the town. During the period 1885-88 Nietzsche used the libraries in Nice, Leipzig, Chur, Venice, Turin, and the Hotel Alpenrosen's library in Sils-Maria. He probably also used the library in Zürich and possibly in other towns, and he planned to visit Stuttgart for the sake of its library.

¹⁴ I determine henceforth to read at least two books every day – one poetry, or *belles lettres*, another science or philosophy.

humana a que Poe chama “perversidade”, sobre a qual afirma que certamente é uma característica tão humana como qualquer pessoa do motivo ou da faculdade intelectual. Poe estava simultaneamente enganado e certo, mas negligenciou analisar esta faculdade com persistência e cuidado. (PESSOA, 2006, p. 482).¹⁵

E para autoanalisar essa condição mórbida ou perversa com “persistência” e “cuidado”, Poe é tão importante quanto Ritti, teórico da pato-fisiologia das alucinações.

Por um lado, estão as ficções – *The Door, A Very Original Dinner* (PESSOA, 2015; JEREZ, 2015) e tantas outras –, por outro os textos denominados filosóficos em 1968, que poderão (alguns) ser apenas notas de leitura, tarefas do Curso Superior de Letras ou reações a certos livros. Um caso para mim bastante significativo é o seguinte apontamento, que em 1968 foi publicado omitindo o intertexto e tornando-o menos férreano e mais pessoano. Veja-se a transcrição e uma imagem (Fig. 6) tirada dos antigos microfilmes:

Nenhum homem é normal, perfeito – isto é verdade. Um homem normal seria um homem incapaz de ser afectado pela doença. Para cada doença (como mostrei) é necessária a predisposição, a predisposição do organismo à doença. O grau de predisposição é o grau de anormalidade. (Féré: *Fam. Nev.* p. 103 sobre os produtos da neurastenia em pessoas “normais”, por tensão mental etc.). Toda a doença pressupõe predisposição à mesma, tal como cada coisa real pressupõe a sua possibilidade, porque é real.¹⁶ (PESSOA, 1968, I, p. 229).

¹⁵ My mental distraction under this attraction is little susceptible of analysis. You may have heard or read of the faculty of the human mind which Poe calls “perverseness” and which he asserts to be as surely a human characteristic as anyone of the motive or of the intellectual faculties. Poe was both mistaken and not mistaken; but he neglected to analyse this faculty with persistency and with care.

¹⁶ No man is normal, perfect – this is true. A normal man were a man incapable of being affected by disease. For every disease (as I showed) predisposition is necessary, a predisposition of the organism to disease. The degree of predisposition is the degree of abnormality. (Féré: *Fam. Nev.* p.103 on the products of neurasthenia in “normal” persons, by mental strain, etc.). Every disease supposes predisposition to it, even as every real thing supposes its own possibility, since it is real.

Figura 6 – “No man is normal...”

23-70 51

No man is normal, perfect, - this is true. A normal man were a man incapable of being affected by disease. For every disease [or illness] predisposition is necessary, a predisposition of the organism to a disease. The degree of predisposition is the degree of abnormality. [Féré: *Fam. Med.* p. 103 on the product of hereditary and normal persons, by mixed strands etc]. Every disease supposes predisposition to it, even as every real thing supports it on itself, since it is real.

Fonte: BNP Biblioteca Nacional de Portugal E3 Espólio 3 (Pessoa) Cota 23-70r.

O segmento parentético foi omitido na primeira publicação (PESSOA, 1968, I, p. 229) e também uma nota esclarecendo a remissão:

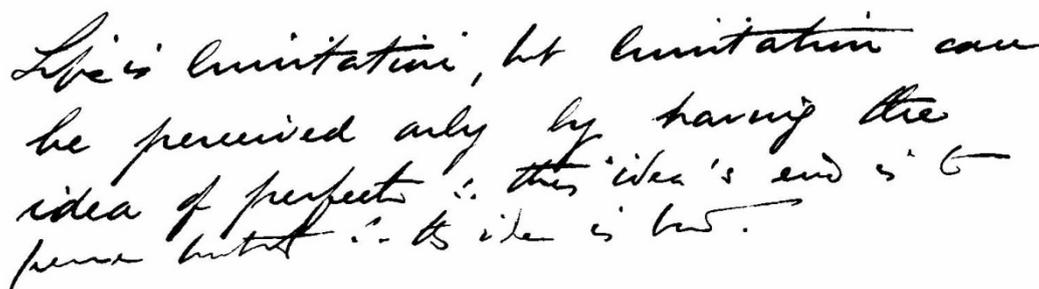
Mas não poderá este estado irritável de fraqueza ser criado, para além da hereditariedade, pelas múltiplas excitações a que o sistema nervoso está exposto? Parece que pode ser assim. Em particular, o trabalho cerebral excessivo, o excesso de trabalho intelectual e sobretudo moral, a preocupação contínua com a luta pela existência são condições eminentemente adequadas para determinar as perturbações funcionais dos elementos nervosos. (FERÉ, 1894, p. 103)¹⁷.

Pessoa estava já a teorizar, mas tinha umas linhas em mente e não eram de todo despiciendas. Tinha lido Feré, sabia de neurastenia e sabia que, em teoria, a astenia dos nervos, a exaustão nervosa, podia afetar pessoas “normais” e que este “fato” podia ser invocado em apoio das suas ideias. Além disso, a menção de Féré, para além das características materiais do suporte, sugerem que esta nota é de 1907 e não de “1910?” como indicado em 1968.

¹⁷ Mais cet état de faiblesse irritable ne peut-il être créé, en dehors de l'hérédité, par les excitations multiples auxquelles le système nerveux est exposé? Il semble bien qu'il puisse en être ainsi. En particulier, le travail cérébral excessif, le surmenage intellectuel et surtout moral, les continuelles préoccupations de la lutte pour l'existence sont des conditions éminemment propres à déterminer des troubles fonctionnels dans les éléments nerveux.

Muitos textos de Pessoa têm sido publicados de forma parcial, com uma datação que merece ser revista e com uma transcrição que não garante ser a mais exata possível. Apenas um exemplo. O texto seguinte (cf. fac-símile), em 1968, foi lido assim: "A vida é limitação, mas a limitação apenas se pode perceber ao ter uma ideia de perfeição. O objectivo desta ideia é provar a imortalidade: esta ideia é má."¹⁸ (PESSOA, 1968, I, p. 205; Fig. 7). A minha leitura é esta: "A vida é limitação, mas a limitação apenas se pode perceber ao ter uma ideia de perfeição ∴ o objectivo desta ideia é perceber a limitação ∴ esta ideia é má."¹⁹. (Texto traduzido conforme arquivo original, sem indicação de tradutor) O símbolo ∴, de *therefore* (portanto), foi lido como ponto ou dois pontos:

Figura 7 – “Life is limitation...”



Life is limitation, but limitation can be perceived only by having the idea of perfect ∴ this idea's end is to prove but ∴ the idea is bad.

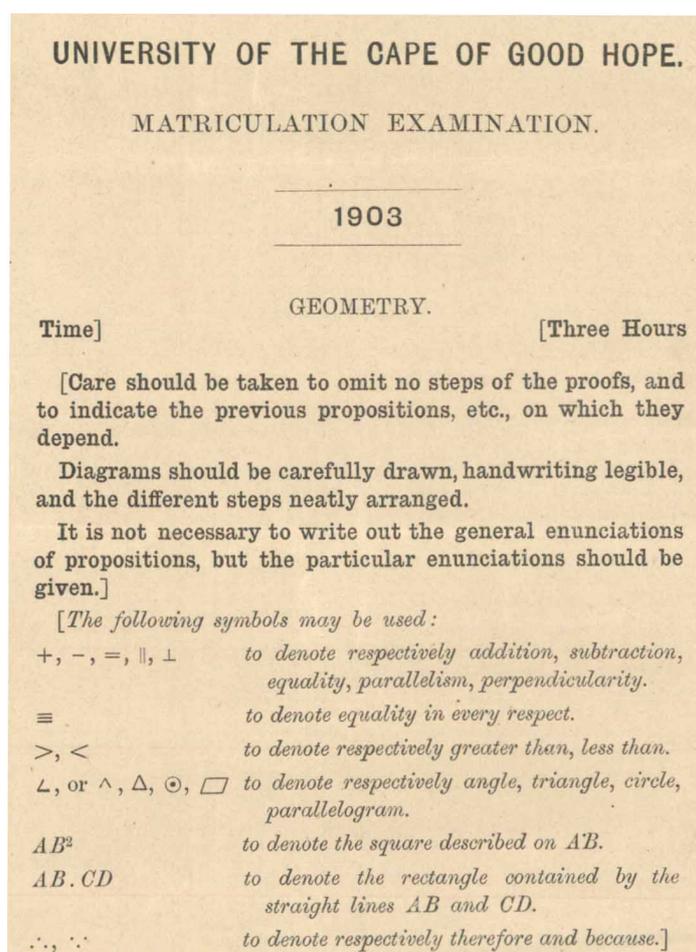
Fonte: BNP Biblioteca Nacional de Portugal E3 Espólio 3 (Pessoa) Cota 23-47r.

O certo é que Pessoa sabia, pelo menos desde 1903, pelas suas aulas de Geometria, do significado desses três pontos em pirâmide (Fig. 8) e este símbolo foi “descoberto” tardiamente na edição dos textos pessoanos, tal como a pirâmide inversa, que representa *because* (porque).

¹⁸ Life is limitation, but limitation can be perceived only by having the idea of perfection. This idea's end is to prove the immortality: this idea is bad.

¹⁹ Life is limitation, but limitation can be perceived only by having the idea of perfection ∴ this idea's end is to perceive limitation ∴ this idea is bad.

Figura 8 – De uma prova escolar de 1903



Fonte: BNP Biblioteca Nacional de Portugal E3 Espólio 3 (Pessoa) Cota 28-85r.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa (hoje de Portugal) estão todos os documentos fac-similados nessas páginas e praticamente todos os livros referidos. Patricio Ferrari falava da necessidade de fazer pontes entre arquivos (*Bridging Archives*, 2015). Neste caso, não se trata tanto de fazer pontes entre arquivos fisicamente muito afastados (por exemplo, localizados em dois países), mas entre arquivos que estão numa mesma instituição (o espólio de Pessoa e uma série de livros depositados na BN), embora também seja importante não esquecer que uma biblioteca forma uma rede com outras e que, por exemplo, de dia, Pessoa podia ler na BN, mas de noite podia ler na sua casa. Dito isso, fica aqui um convite e um repto a continuar o trabalho daqueles investigadores que têm aproximado arquivos e a visitar as bibliotecas que guardam obras de excepcional valia, embora careçam de espólios devidamente catalogados e informatizados, cuja digitalização vai progredindo lentamente.

*

Post-scriptum. Também há livros que pertenceram a Pessoa em coleções privadas, em fundações e até na Biblioteca de Harvard²⁰. Há livros referidos em documentos do espólio pessoano e livros dos quais não suspeitávamos e que apareceram, para a nossa surpresa, um dia, como *Sonnets from this Century* (1902), apresentado em 2017 por Carlos Pittella. Um desafio consiste em datar algumas leituras de Pessoa – assim como as suas listas de projetos – e em traçar um mapa cada vez mais completo dessas leituras para poder ler alguns escritos e alguns livros de forma paralela. E depois – novo desafio – para transformar o mapa em paisagem, a palavra de Pessoa numa voz coral.

REFERÊNCIAS

BROBJER, T. H. Nietzsche's Reading and Private Library, 1885-1889. **Journal of the History of Ideas**, vol. 58, n. 4, p. 663-680, 1997.

DOAÇÃO do Espólio de Henrique Rosa à BNP (2007). Lisboa: **Biblioteca Nacional de Portugal**.

http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=592%3AAdocao-do-espolio-de-henrique-rosa-a-bnp&catid=49%3Aaquisicoes&Itemid=634&lang=pt. Acesso em: 11 set. 2020.

FERE, C. **La famille névropathique**. Théorie tératologique de l'hérédité et de la prédisposition morbides et de la dégénérescence. Paris: Felix Alcan, 1894.

FERRARI, P. Bridging Archives: twenty-five unpublished English poems by Fernando Pessoa. **Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies**, n. 8, Outono, p. 365-431, 2015. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:757380/>. Acesso em: 11 set. 2020.

FILIPE, T. Ainda A Tormenta: Adenda a Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare. **Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies**, n. 15, Primavera, p. 80-136, 2019. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:919598/>. Acesso em: 11 set. 2020.

FILIPE, T. Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare. **Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies**, n. 14, Outono, p. 120-283, 2018. Special issue: A New Act in Pessoa's Drama. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:841011/>. Acesso em: 11 set. 2020.

²⁰ António Ferro, Colette, Colette Willy, Colette. Lisboa: H. Antunes, editor, 1921.

FISCHER, C. J. Dryden, Keats, Tennyson, and Browning: Unpublished Translations by Fernando Pessoa. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, n. 28, Primavera, p. 297-314, 2015. Special issue, Fernando Pessoa as English Reader and Writer, guest editors Patricio Ferrari, Jerónimo Pizarro. University of Massachusetts, Dartmouth, Tagus Press. Disponível em: <https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/issue/view/PLCS28>. Acesso em: 11 set. 2020.

JEREZ QUINTERO, N. Introduction to “A Very Original Dinner”. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, n. 28, Primavera, p. 249-251, 2015. Special issue, Fernando Pessoa as English Reader and Writer, guest editors Patricio Ferrari, Jerónimo Pizarro. University of Massachusetts, Dartmouth, Tagus Press. Disponível em: https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS28_Quintero_page249/108. Acesso em: 11 set. 2020.

KRABBENHOFT, K. **Fernando Pessoa e as doenças do fim de século**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.

PESSOA, F. A Very Original Dinner. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, n. 28, Primavera, p. 252-273, 2015. Special issue, Fernando Pessoa as English Reader and Writer, guest editors Patricio Ferrari, Jerónimo Pizarro. University of Massachusetts, Dartmouth, Tagus Press.

PESSOA, F. **Cadernos**. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

PESSOA, F. **Escritos sobre Génio e Loucura**. Edição Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. 2 vols.

PESSOA, F. **Textos Filosóficos**. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa: Ática, 1968. 2 vols.

PESSOA, F. **Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Tradução dos textos ingleses por Jorge Rosa. Lisboa: Ática, 1967.

PITTELLA, C. Sonnet 101 with Prof. Pessoa: Fernando Pessoa's marginalia on an anthology of 19th-century English sonnets. **Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies**, n. 11, Primavera, p. 277-375, 2017. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:737814/>. Acesso em: 11 set. 2020.

PIZARRO, J. **Fernando Pessoa: entre génio e loucura**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

PIZARRO, J.; FERRARI, P.; CARDIELLO, A. **A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa | Fernando Pessoa's Private Library**. Bilingual edition. Lisboa: Dom Quixote / Casa Fernando Pessoa, 2010.

PRISTA, Luís. Pessoa e o Curso Superior de Letras. *In*: PINTO, J. D. **Memória dos Afectos: Homenagem da Cultura Portuguesa a Giuseppe Tavani**. Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 157-185.

Data de submissão: 17/06/2020

Data de aprovação: 30/06/2020